

fundos públicos através de convênios mal explicados e sem nenhum controle, o objetivo é exatamente o mesmo das composições que tradicionalmente se fazem para montar a base de sustentação parlamentar no Congresso Nacional. Os cargos e os convênios distribuídos são para permitir que o partido e seus dirigentes, ou, no caso a central e seus dirigentes possam auferir vantagens econômicas para benefício próprio. É o que estamos vendo agora com Paulinho, e que vimos antes com Delúbio Soares e vários outros da CUT.

P - Na análise da Conlutas, qual o significado da ameaça de retirada do registro sindical do ANDES?

R- Trata-se de um fato grave. Na década de 30 do século passado, Getúlio Vargas, utilizando-se do aparelho do Estado, destruiu a organização sindical livre que existia no país, para dar lugar a outra organização sindical, que fosse dócil aos interesses do capital. O governo Lula está tratando de fazer a mesma coisa. Ele usa o aparelho, as instituições do Estado, seja para corromper, comprar mesmo, o apoio de centrais e organizações sindicais às suas políticas e aos patrões, seja para destruir as organizações que não se venderem, que se mantiverem fieis à defesa dos interesses dos trabalhadores. A ação do Ministério do Trabalho, vista em conjunto com a iniciativa da CUT, de convocar uma assembléia para fundar um pretenso sindicato que substituiria o ANDES/SN na representação dos professores das universidades federais públicas, tem claramente este caráter. Na verdade é a

em que vivemos sem usar para estes objetivos os recursos que o país tem e que poderiam ser utilizados para melhorar as condições de vida dos trabalhadores, em particular da parcela mais pobre da população. Todo o resto é decorrente desta opção. Inclui a criminalização das lutas e das organizações dos trabalhadores. Trata-se de uma necessidade que advém da opção anterior: é preciso impedir os trabalhadores de se rebelarem contra as políticas aplicadas pelo governo e empresariado. Da mesma forma, e pela mesma razão, vamos ver uma escalada cada vez maior de medidas que afrontam os direitos democráticos básicos da sociedade. Neste contexto não há como falar em acertos do governo. Mesmo as medidas que, tomadas isoladamente parecem beneficiar a população, ou pelo menos parte dela (bolsa-família, Prouni e outras políticas sociais compensatórias), prestam-se a dois objetivos fundamentalmente: o primeiro, criar uma válvula de escape para evitar as explosões sociais que, ocorrendo nos bolsões de miséria do país, gerariam instabilidade política e dificuldades para a continuidade da aplicação das políticas econômicas que garantem os lucros recordes para os banqueiros. E a segunda é garantir prestígio (leia-se votos) para os detentores do poder entre a população mais pobre, e desinformada. São medidas em seu conjunto que se

prestam mais à manutenção do *status quo*, ou seja, a perpetuação da pobreza e da miséria, e não para acabar com esta situação de penúria destes segmentos da população.

P- Dados divulgados recentemente demonstram que uma fatia significativa daquelas pessoas que se encontravam nas classes D e E melhoraram de renda e conseguiram ascender até a classe C. Isso não seria uma marca social importante para qualquer governo?

R- Há duas questões aqui que merecem ser tratadas com mais atenção. A primeira é a falta de seriedade com que são tratados os números, com o objetivo de compor um quadro róseo da sociedade, para favorecer a imagem dos governantes. Falar que cresceu a classe média do país, incluindo na conta as pessoas que ganham cerca de 1.100 reais por mês não é sério. É o mesmo que se tentou fazer com os números que indicariam uma diminuição da parcela da população em situação de miséria. Todos devem ter visto a entrevista de uma mulher, mãe de família, de Recife, que descreveu o seu dia a dia com os filhos. A descrição dela - uma das que, pelos números do governo, deixara de ser uma miserável - era o desmentido mais categórico que poderia haver para este tipo de artifício matemático utilizado pelo governo e por alguns institutos. O segundo elemento que é preciso tomar com atenção, é que não podemos encarar estes indicadores a seco, sem contextualizá-los. O Brasil cresceu, economicamente falando, nos últimos anos. E isto traz mudanças, obviamente, em

várias dimensões da vida do povo, e muitas são utilizadas por institutos e pelo governo diretamente para tentar legitimar o seu projeto, apontando pretensos benefícios que teriam trazido para a população. O problema que devemos nos colocar é outro: nas condições econômicas atuais e dada a dimensão de recursos que o país tem, e da riqueza social produzida pelo trabalho, se priorizássemos a alocação dos recursos para satisfazer as necessidades básicas da maioria da população, o que poderia ser feito? Em que situação estaríamos? Quais seriam os números dos indicadores sociais? Qualquer exercício neste sentido, mesmo que não seja feito em profundidade vai constatar que a diferença é abismal. Então, não se pode partir dos números apresentados para apontar avanços. É preciso, sim, mostrar estes números para denunciar o quão são rebaixados.

P- Como o sr. analisa esse curto período de existência da Conlutas e quais as perspectivas de crescimento dessa Central?

R- A Conlutas está sendo construída como uma resposta à necessidade dos trabalhadores, frente à traição da CUT e demais centrais sindicais. Como um instrumento para reconstruir a unidade dos trabalhadores, de todos os segmentos da classe trabalhadora e da juventude, para a luta em defesa de seus direitos e interesses, tanto os imediatos, como os históricos, na luta por uma sociedade socialista. Ela está longe ainda de estar à altura dos desafios colocados para os trabalhadores nesta luta. É ainda bastante minoritária, e, além disso, precisa avançar muito em sua capacidade e qualidade na formulação política. Esses avanços não dependem apenas de nossa vontade. Há limitações de natureza objetiva. A situação da luta de classes, de transição como disse acima, é um limitador objetivo, diferente da situação em que se deu o início da construção da CUT. Precisamos seguir com o nosso esforço, fazendo a nossa parte, mas é preciso também paciência, acompanhar a evolução da luta de classes. Mas, reconhecido isto, é preciso dizer que a Conlutas vem se fortalecendo como o principal pólo de aglutinação de forças no processo de reorganização dos trabalhadores em curso. Isto acontece, a meu ver, porque a sua construção vem sendo feita com uma perspectiva correta. Em, primeiro lugar, buscando dar respostas concretas às necessidades da luta que está colocada concretamente para os trabalhadores: foi assim no episódio da proposta de reforma sindical, depois a reforma da previdência, as greves, mobilizações que ocorreram em todo este período, seja do movimento sindical, sejam dos movimentos populares. A Coordenação conseguiu se formar como uma organização voltada para a luta dos trabalhadores e da juventude, numa postura de independência e de oposição ao governo e ao empresariado. Em segundo lugar, pela postura unitária que tem tido. É uma bandeira permanente da Conlutas e tomada com seriedade, a defesa da unidade de todos os setores combativos do movimento sindical e popular, na construção de uma única organização. ■

“Conlutas é independente do governo e dos empresários”

divididos

aplicação de uma das partes da proposta de reforma sindical que o governo não conseguiu aprovar ainda, e que está sendo aplicada completamente à revelia da legislação e da constituição Federal. É um ataque sério ao direito à livre organização sindical, que precisa ser combatido, com todas as forças, por todo o movimento sindical e por todas as organizações democráticas de nosso país. Se passa um ataque desta natureza ao ANDES/SN, o que impediria que este mesmo artifício fosse usado contra qualquer outra entidade ou movimento dos trabalhadores, como, aliás, o governo do Rio Grande do Sul já está tentando fazer contra o MST?

P- Quais os piores erros cometidos pelo governo Lula e quais os principais acertos?

R- O governo Lula optou por fazer um governo voltado para o favorecimento dos interesses do sistema financeiro e do grande empresariado, nacional e multinacional. E tem sido competente nisso, que o digam os recorrentes recordes de rentabilidade dos bancos e grandes empresas industriais ou de serviços, nos últimos anos em nosso país. Não há como fazer isso, na sociedade



FRITZ NUNES